

Oscar Romero: O bem aventurado

28/05/2015

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

O povo salvadorenho está em festa e saiu às ruas no sábado, 23 de maio, para celebrar a beatificação de Monsenhor Oscar Romero, arcebispo de San Salvador – capital do país – assassinado no dia 25 de março de 1980, enquanto celebrava a Eucaristia. Após mais de trinta anos, Oscar Romero é declarado beato, o que na Igreja Católica é o passo anterior à canonização, que declara alguém santo.

Por que proclamar beato ao manso, bondoso e ao mesmo tempo aguerrido profeta Oscar Romero? O que significa a Igreja considerá-lo beato?

A palavra "beato" quer dizer "feliz", ditoso, bem-aventurado. Beato é feliz em latim, assim como makarios é feliz em grego. A última é a palavra usada no Novo Testamento, em Mateus 5 e em Lucas 6, para falar daqueles que são felizes segundo a lógica de Jesus de Nazaré. Lendo integralmente Mateus e Lucas, beatos - felizes – são os pobres, os famintos que passam fome, mas também têm fome de Deus e confiam nele. São aqueles que tratam com amor e carinho os outros; os que têm olhos limpos e puros para ver a verdade e dizê-la. E também os que têm fome de justiça e lutam contra a injustiça e a mentira. E por isso sofrem perseguição.

Ao proclamar beato Monsenhor Romero, a Igreja o declara feliz, bem-aventurado, segundo a lógica do Evangelho de Jesus. Como encontramos essa felicidade, essa bem-aventurança na vida desse arcebispo algo tímido, que, de repente, se fez consciente da injustiça que padecia seu povo e transformou-se no mais intrépido e corajoso profeta de que já se ouviu falar na América Latina?

Ao anunciar que Oscar Romero seria beatificado, o Vaticano o declarou "mártir por ódio à fé". No entanto, é importante deixar bem claro que a Romero não o mataram por recitar bem ou mal um credo, ou por enunciar correta ou incorretamente verdades dogmáticas. Quem o matou não foram bandidos ou marginais da sociedade salvadorenha. E sim pessoas que se consideravam e eram vistas como muito católicas.

Aí vemos a diferença entre fé e religião. Monsenhor Romero foi acusado de comunista, traidor da pátria e outras tantas ofensas por defender os pobres e contestar os que os perseguiam e matavam. Seus assassinos eram católicos de missa dominical e ritos praticados, mas não lhes interessava a defesa que o arcebispo fazia dos pobres. Queriam continuar a gozar em paz de seus privilégios. Talvez os assassinos de Romero fossem muito religiosos, mas é de se perguntar se realmente tinham fé. Romero, por outro lado, acusado de, como religioso, meter-se em política, sem dúvida, tinha fé. E por ódio a essa fé foi morto.

Odeia-se a quem tem fé e põe em prática a justiça que brota da fé e é sua consequência. Praticar essa justiça é mostrar um grande amor aos que sofrem o peso mortal da injustiça. Esse é o amor maior, segundo o Novo Testamento, em palavras de São João Evangelista. Amor maior de quem é assassinado por defender os pobres que não têm quem os defenda.

Os que conheceram de perto Oscar Romero são unânimes em afirmar que ali estava um homem de paz: que não queria violência nem morte, mas ao contrário,

que a paz florescesse e brotasse como fruto maduro. Mas também um homem que sabia que a paz é fruto da justiça e, portanto, há que combater a injustiça, a fim de que a paz possa florir e frutificar.

Era igualmente um homem de Deus. É bem conhecida a frase de Ignacio Ellacuría, padre jesuíta igualmente assassinado nove anos depois de Romero, na mesma cidade de San Salvador, reitor da Universidade Católica e amigo próximo do arcebispo: "Com Monsenhor Romero, Deus passou por El Salvador".

O padre Jon Sobrino, que igualmente trabalhou muito próximo ao arcebispo mártir, nos transcreve essa oração que monsenhor Romero escreveu em seu último retiro antes de ser assassinado.

"Assim concretizo minha consagração ao coração de Jesus, que foi sempre fonte de inspiração e alegria cristã em minha vida. Assim também ponho sob sua providência amorosa toda a minha vida e aceito com fé nele minha morte por mais difícil que seja. Nem quero dar-lhe uma intenção como gostaria pela paz de meu país, e pelo florescimento de nossa Igreja, porque o coração de Cristo saberá dar o destino que queira. Me basta para estar feliz e confiante saber com segurança que nele estão minha vida e minha morte; que apesar de meus pecados, nele pus minha confiança e não serei confundido, e outros prosseguirão com mais sabedoria e santidade os trabalhos da Igreja e da Pátria."

Bastava-lhe para estar feliz, bem-aventurado, "beato", sua fé e sua confiança em Deus. Que o beato Oscar Romero nos ensine essa felicidade tão diferente da que o mundo de hoje propõe, a fim de que possamos investir nossa vida naquilo que é realmente importante. Amém.